



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1449

MOVIMENTO ANARCO PUNK EM MARINGÁ – O INÍCIO

Autor: Antonio Marcos Tavares
(UEM – Universidade Estadual de Maringá)
Orientador: Ailton Morelli

Resumo:

A partir de entrevistas com alguns personagens históricos do tema abordado fiz um levantamento do que foi o início do movimento anarco-punk em Maringá. O objetivo é analisar o movimento anarco-punks em Maringá entre as décadas de 1970 a 1990, entre jovens entre 14 e 25 anos neste contexto. Para analisar as memórias dos principais envolvidos ao movimento foram realizadas entrevistas com alguns dos principais nomes desse acontecimento aqui tratado como histórico. Maringá nesse período, mesmo antes de configurar como sede de região metropolitana, possuía grande representatividade regional, porém, apresentando um fenômeno relacionado a um movimento típico de grandes metrópoles. Uma cidade interiorana com traços de conservadorismo social, político, cultural e religioso. Mesmo com enorme distância geográfica dos grandes centros urbanos não há inacessibilidade de novos agentes, como movimentos que até então eram exclusividade desses grandes centros, agora brota por entre os munícipes, novos atores, os anarco-punks. Eles por meio de entrevistas, com sua memória viva fazem valer a história oral, a principal fonte usada de valor imensurável para a construção histórica da juventude maringaense. Materiais e métodos usados são vídeo entrevistas, buscando resgatar as memórias buscando o máximo possível de informações, buscando a imparcialidade. Resultados e discussão acontecem a partir das entrevistas transcritas por onde analisarei o contexto. A história oral trabalhada de forma intensa demonstrou grande potencial no levantamento de possibilidades de estudos de problematizações, a memória dos movimentos jovens.

Palavras-chave: Anarquismo; juventude; Maringá; cultura; punk.

Há em Maringá, nos idos da década de 1990, um cenário com todas as características de uma cidade interiorana, mas que está a crescer muito, por uma série de motivos políticos, geográficos, econômicos, sociais e outros mais. E nesse contexto de ebulição social, se tem então o surgimento de tribos características de metrópoles urbanas, como então a tribo que aqui chamamos de “Punks”.

Mas como dito esses Punks agora, na década de 1990 já está politizado, já não é mais uma tribo meramente musical, agora ela também é politizada, engajada em algumas propostas, como as propostas libertárias, ou seja, propostas de acabar com ações como as de racistas, homofóbicos, xenofóbicos, nazistas, fascistas, enfim, estão em busca de objetivos que agora saíram das letras de suas músicas, de suas teorias e foram com elas para as ruas, para colocá-las em prática, é este politizar-se que adentrou o movimento punk, e esse movimento agora é chamado de “anarco-punk”, e é com essa roupagem que ele nasce em Maringá, ele surge aqui já com essas propostas libertárias e de cunho prático e não somente em propostas musicais somente.

E isso não estava a acontecer somente com o pessoal do movimento anarco-punk, existem nesse contexto o surgimento, ou o afloramento de outras tribos que acabam também saindo da mera teoria de suas letras, de suas músicas e colocando-as em prática, como é retratado também por Weber Lopes Góes quando retrata em seu trabalho “Movimento Hip-hop no interior dos movimentos sociais contemporâneos” que há realmente essa transformação no seio do movimento que era musical:

O rap tirou o debate do campo restrito em que ocorria e levou-o para as ruas, através de músicas elaboradas por diversos grupos; denunciou a desigualdade social e racial pelo canto falado; denunciou a violência policial, o extermínio praticado pelo Estado autoritário e outras práticas então, e ainda existentes.

Para melhor situar o nosso leitor, elencamos um trecho da música de rap grupo

Racionais Mc’s intitulada “Racistas otários”:

“./.../. Os sociólogos preferem ser imparciais

*E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária
São Filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto reduzido./.../.*

2

*Ver documentário: História do Hip-hop no Brasil in:
<http://www.youtube.com/watch?v=i6HYb9Nk5f0>, acesso: dia
09/05/2013.*

*Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina
“Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”
ISSN 2177-9503
10 a 13/09/2013*

GT 5. Lutas sociais urbanas 127

*Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade litaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos?
Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição*

*Será que eles vêem em nós um marginal padrão?
50 anos agora se completam
Da lei antirracismo na constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles com a sua demagogia
No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimento na frente
E te dão um tiro por trás
“o Brasil é um país de clima tropical
Onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial. Ha, Há...”
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em paz.” (RACIONAIS MC’S, 1990).*

Nesta música podemos verificar o conteúdo político e ideológico ao colocar em questão a visão de democracia racial propagada na sociedade brasileira e, ainda, a não existência do racismo e do preconceito em relação aos descendentes de africanos escravizados; a perseguição praticada pelos policiais que buscavam reproduzir os estereótipos discriminatórios dos quais os negros das periferias metropolitanas são alvos.

(http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v10_weber_GV.pdf)

Em Maringá, neste recorte temporal o veículo de propagação musical era plena e somente o rádio, e ele contava com seus horários destinados ao estilo rock and roll, e era a partir daí que se conseguiam cativar uma gama de pessoas com as afinidades com o estilo, dentre eles os que viriam a conhecer também o estilo dos punks, dos anarco-punks.

O rádio então desenvolve um papel de suma importância para o surgimento dessas tribos, as tribos do metaleiros, dos skatistas, dos punks, dos rappers, e outros.

Segue uma letra de uma música de uma banda que tem enorme importância para os anarco-punks de todo o país, a banda se chama Cólera, e ainda hoje, mesmo com o falecimento de seu vocalista se mantém ativa fazendo shows, e a letra a seguir pode ser usada para compararmos com a do grupo de rap citado anteriormente.

Pela Paz

Cólera

*Tem violência em Bruxelas,
Tem violência em Moscou,
Tem violência em nova Iorque
E também no Brasil.
Têm vinganças religiosas,
Têm vinganças de raças,
Têm vinganças de governos
Tenho medo da guerra.*

*Mas quem se importa?
Mas quem se importa?
- Eu me importo, eu me importo*

*PELA PAZ, PELA PAZ
PELA PAZ EM TODO MUNDO!*

*Mais o ódio se espalha.
Mais aumenta a fome.
Mais as vidas são tiradas
De dentro dos homens.
São mais armas para o mundo.
São mais filmes violentos.
São crianças aprendendo
Matar ou morrer.*

(álbum Pela Paz mm Todo Mundo, 1986, selo Ataque Frontal)

As escolas ainda tem em seus fundamentos o formato da escola prisão, aquela onde tudo se é obrigado, aquela que ainda tem a proposta de ter as rédeas, de manter o cidadão no cabresto de suas ordens, obrigando-o a decorarem, obrigando-o a aceitar e não questionar, colocando-o na sociedade como um ser obediente e produtivo para a indústria. Nessa importância exacerbada ao decorar o hino nacional e a ter um emprego com carteira assinada, há então aqueles que se rebelam e colocam para fora suas discordâncias, colocam-se em risco, e não temem, enfrentam toda essa estrutura. A sua maioria cai, é derrotada, mas alguns acabam conseguindo frutos, usam de meios que não permitem provas de suas “subversões” e dessa forma conseguem desenvolver seus trabalhos principalmente por meio dos grêmios estudantis, UNE (União nacional dos estudantes) nasce em 1938 (curiosamente em um congresso nacional de estudantes que teve como patrono o então presidente da república Getúlio Vargas) e a UBES (União brasileira dos estudantes secundaristas) nascida em 1948.

A juventude mostra seu envolvimento político nesse novo cenário e isso não acontecia ainda na década de 1990, isso ainda estava apenas brotando, eram apenas jovens que estavam a vestir as camisas de lutadores por direitos sociais. Mas, nem todos estavam ali com firmeza em suas propostas, curiosamente tinham aqueles que apenas queriam passear, curtir uma azaração, trocar uns beijos e amassos com garotas e garotos, ou também aqueles que apenas estavam a usar tudo isso para autopromoção, como muitos que hoje são detentores de altos cargos no governo, como por exemplo, Manoel Rangel, que fora presidente da UBES de 1988 a 1990, e já teve cargos como ministro da Cultura e presidente da ANCINE (agência nacional de cinema), (cargo que exerce hoje até 2017, sob repúdio da classe dos servidores da ANCINE).

Já a UNE teve nomes de maior destaque no cenário político nacional, como os de José Serra na década de 1960, Aldo Rebelo 1980-1981, Renildo Calheiros 1984-1986, Orlando Silva 1995-1997, e talvez, o nome mais conhecido dentre eles, Lindberg Farias 1992-1994, pois foi ele o líder do movimento de impeachment, numa luta contra o governo Fernando Collor de Melo, e hoje como senador troca apertos de mãos com aquele que tanto combatera.

Como mudam os conceitos, lembro de que quando fui organizar as entrevistas, e marcar as mesmas num dia e horário que ficasse melhor para entrevistador e

entrevistado, percebi dois fatos curiosos, um deles foi quando ao fazer contato com um dos entrevistados ele me pediu para ir ao estabelecimento comercial dele em outra data, pois naquele dia ele estava com muito trabalho a fazer para atender os clientes dele. Outro caso foi também em momento de marcar entrevista com outro entrevistado, e este por sua vez também pediu para conversarmos em outra data para acertarmos a entrevista, pois naquele momento ele estava sem cabeça para pensar algo que não fosse o seu helicóptero de R\$ 38.000,00 que estava preso em uma árvore em seu quintal e ele estava a procurar uma empresa de guindastes para tentar recuperar o seu aparelho.

E nesse caminho o que se viu foi uma mudança de planos, de posições, de “salas”, por parte de muitos que estavam muito envolvidos em frentes de movimentos ou mesmo instituições que estavam por tempo há buscar conquistar os direitos de grupos, sejam de trabalhadores, estudantes, ou de outros terrenos. E isto acaba sendo quase que uma regra para tantos outros movimentos, sugiro o paralelo com o hip-hop em Londrina, que está aqui ao lado de Maringá, tratado por Weber Lopes Góes em “Movimento Hip-hop no Interior dos Movimentos Sociais Contemporâneos”, no mesmo recorte temporal que trato sobre o movimento anarco-punk em Maringá, e ele cita exatamente as dificuldades que o movimento enfrenta para não ser pulverizado por forças maiores, como a do Estado, e eu questiono se é somente essa força Estatal, visto que realmente este tem força, mas vejo que esse é levado, regido, gerido por seres humanos, que carregam em si todas as mazelas possíveis que vejo como propulsoras de ações autoritárias de autoafirmação de poderes, enfim, de seres autocráticos que se mostram incapazes de mudar durante milênios, ou durante a existência da humanidade que já se pôde ser estudados.

Nesta seara o movimento hip-hop também deve ser colocado na constelação dos Movimentos sociais, em particular, no período do seu apogeu no qual podemos datar nos idos dos anos de 1990 até o início dos anos 2000. Pois, podemos destacar a sua forma de atuação junto aos outros movimentos sociais tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, visto que houve inúmeras ações e diálogos entre esses seguimentos sociais. Não é a toa que nos eventos de hip-hop realizados nas ruas metropolitanas sempre

foram obstaculizados, reprimidos pelas forças do Estado, em razão da qualidade das letras compostas pelos grupos de rap que buscavam denunciar a desigualdade racial social e a ação do Estado frente às periferias do Brasil.

http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v10_weber_GV.pdf

Quando perguntado ao Adriano sobre as perspectivas particulares dele para as questões políticas se percebe nele todo um entusiasmo, há nele um sentimento que brota e transforma sua gesticulação, seu semblante muda, é como que se ele evocasse um outro para dentro dele, e com isso eu tenho que me prender na imparcialidade, pois se eu não conseguir posso estar de alguma forma, estiver transformando a memória dele segundo minhas reações. Atento a isso consigo me conter e o que percebo é realmente isso, o poder trabalhar com a memória do entrevistado sem transformar, sem interferir no percurso de suas ideias ali postas como entrevistado deixa fluir, somente me atrevo a fazer ganchos no assunto para que o mesmo se desdobre e me dê à possibilidade de conseguir mais informações e assim aprofundar-me no tema que será posteriormente transcrito para análise.

A memória é algo que por tempos é trabalhada para fazer história, no passado histórico da humanidade se tem documentado o fato de em várias regiões do mundo, com vários povos, o uso da oralidade para ser usada como meio de perpetuar acontecimentos históricos, como por exemplo povos indígenas como relata Emeli Lappe e Luís Fernando da Silva no artigo “Um estudo sobre Indígenas Kaingang em Áreas Urbanas no Rio Grande do Sul” :

É comum, em áreas Kaingang, todos os indivíduos, mesmo ainda crianças, conhecerem os mitos e a história de seu povo. A aprendizagem não ocorre apenas na escola, pois ela acontece em qualquer momento e lugar. Todos adoram contar e ouvir histórias e, assim, partilham o conhecimento. As crianças aprendem com os mais velhos do grupo porque, tratando-se de sociedades de tradição oral, são os guardiões da memória, conseqüentemente da história e da cultura de seu povo

<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=246>

Da mesma forma preciso me conter na imparcialidade ao entrevistar preciso também ao transcrever, pois nesse processo o ouvir as respostas podem trazer reações, e isso acontece de fato, pois ao transcrever há uma comunhão com o que se ouve, há um entendimento do que se transcreve, e isto traz sim reações, mas é de suma importância que se busque a imparcialidade plena, que esta seja absoluta, para que não interfira posteriormente ao analisar esses textos.

Se de um lado tem o Adriano Garcia que diz sobre família:

melhorou, melhorou...hoje eu sou assim, mais, assim grudado com a minha mãe, com meu irmão, e tal, praticamente sou casado, não sou casado no papel mas praticamente sou casado...então quer dizer eu dou mais valor que naquela época,naquela época eu nem aparecia em casa, ficava três dias sem aparecer em casa,nem,nem, avisava, que nem minha mãe:ó,tava querendo chamar a polícia atrás de você ó...(gargalhadas) sumiu! não volta!

Tem o Alex Nogueira, ele me contava de sua relação com seu pai, e todo o seu apreço para com o mesmo, e o quanto ele foi importante na sua formação como pessoa, mesmo com ele ausente, visto que falecera em acidente aéreo, pois fora piloto, tanto que hoje o Alex é piloto de aeronaves como fora seu pai, e isso ao ser transcrito me coloca de frente com outras transcrições onde percebo que com outros entrevistados a figura paterna, ou mesmo materna, não são relatadas com o mesmo valor da fala do Alex, e isso acaba me comovendo de alguma forma, há muita emoção na entrevista, mas eu preciso manter a imparcialidade, e num momento desses preciso estar atento e me focar em manter essa imparcialidade, é a partir daí que me lembro que Alessandro Portelli diz em História Oral: desafios para o século XXI que:

A história, no entanto, é propriedade de instituições e de historiadores profissionais. Em outras palavras, não estamos sendo convidados a substituir uma memória muitas vezes falha e não confiável pela história científica; estamos sendo convidados a substituir a memória de vários bilhões de indivíduos que vivem nesse planeta pela memória profissional de um grupo de

historiadores profissionais ou pelas memórias institucionais dos centros de poder. (PORTELLI, p 67)

O que foi esse movimento para cada um deles, o que desejavam a partir dele, o que realmente florou desse jardim cultivado em fins dos anos de 1980 e início dos anos de 1990? É o que busco entender nas transcrições dessas entrevistas que fiz, e vejo que muito se transformou, e que também muito ficou. Tenho como exemplo a questão do tamanho combate que fora feito perante o capitalismo, e o que vejo é que todos os entrevistados acabaram não mantendo essa luta, esse desejo de combater, visto que todos estão dentro do sistema que eles um dia tanto panfletaram contra, ativos dentro de um livre comércio ou como funcionários de grandes empresas, enfim, o que leva a isso? A força externa, mecanismos invisíveis de um Estado? Rendição a esta força? Desistência de uma luta traçada no passado, descrença na mesma, discordância desses pontos de vista? O que leva a essas mudanças?

Em contra partida tem também a persistência, a resistência, como o Carlos Mamá que tem um estabelecimento comercial com seu parceiro, são casados há anos e buscam manter o cardápio de sua lanchonete com alimentos não provindos de origem animal, mantendo assim as propostas do movimento anarco punk que combatia ações como vivisseção e buscavam combater o consumo de alimentos de origem animal, esse grupo anarco-punk acaba que se afastando e formando um novo grupo chamado Straight Edge, como propostas inúmeras voltadas para defesa de animais.

Outra amostra de resistência mantida é com relação a música, o Adriano é hoje um músico de renome no meio da música eletrônica, e consegue isso com o seu empenho que pode ser visto como influência das propostas DIY (Do It Yourself – Faça Você Mesmo) que estavam sempre motivadas dentro do movimento anarco-punk, assim como as propostas políticas, que se percebe na fala do Alex Nogueira quando entrevistado:

A questão da responsabilidade, ou não, eu acho que se você tá dentro do movimento punk, você tá comprometido com, com o ideal, com aquela questão do “faça você mesmo”, como é que você vai ser tão irresponsável, se você tem a responsabilidade de trazer uma

banda de fora, pra tocar aqui, de vender ingressos, de fazer divulgação, de arrecadar dinheiro, de arrecadar patrocínio, pra poder trazer aquela banda, pra poder tocar, pra poder montar palco, pra poder montar tudo, arrumar lugar pra ficar, comida pra todo mundo que vinha, não era comida pra banda,(risos)...era comida pra todo mundo que vinha de fora, então, é uma questão de responsabilidade que eu acho que ... Muitos produtores de shows nem tenham né, que programam shows aí e depois dá golpe em todo mundo, e não tem show nenhum e cancela tudo e pega o dinheiro e vai embora né. Então, é...a gente na verdade gerenciava toda uma situação, o movimento anarco-punk ele tinha uma questão diferenciada disso daí né...então a gente num era “aqueles meninos” que escutava aquela música e saia querendo fazer igual, a gente tinha um comprometimento com a...tinha que fazer a ...tinha que fazer a nossa máquina girar né...então a coisa tinha que rodar e isso aí só dependia da gente, num depende, num dependia de ninguém, dependia da gente correr atrás e fazer acontecer as coisas. Isso daí, me trouxe pra “minha vida”, então junto disso daí você lidar com um monte de tipo de gente, com várias pessoas, e você entra muitas vezes em atrito com...como que a gente vai fazer isso...vamos fazer...não vamos fazer...desse jeito...não isso aqui num dá...isso aqui tá ruim...e você tem que gerenciar tudo isso...

Com isso pude perceber que há nesse contexto uma série de agentes que transformam, que atuam em inúmeros sentidos, e não consigo definir se é uma luta, se esse movimento estava, ou está agindo realmente em busca do que um dia fora colocado como objetivo, pois o que se tem é um quadro de pessoas que em dado momento afirmam seus objetivos e em outro já não estão mais com essa bandeira em punho, e com isso me fica a pergunta, a dúvida, se realmente houve uma luta travada por um movimento, se esse movimento foi um “movimento social” voltado para esse social da massa como um todo, a população de uma forma geral em todo o seu espaço geográfico, ou se foi um movimento que acaba, de alguma forma, agindo somente nesse grupo atuante, deixando em seus participantes as marcas

plantadas em seu princípio atuante, panfletário, como se dizia no contexto: “militante”.

Vejo agora então um grupo desfeito do que era originalmente, mas que traz em si todas as marcas, cicatrizes de um sistema que os deixa em condições que um dia combateram, mas ainda deixam transparecer suas marcas de resistência, de anseios quanto ao bem comum, quanto a se tentar conquistar bens, que sejam pequenos geograficamente, mas que possam transformar a cultura em algo acessível, como o entrevistado Andye lore que mostra em sua entrevista toda uma preocupação em levar cultura alternativa para a população, que em sua maioria, infelizmente, acaba não tendo acesso a muitas produções, os motivos são inúmeros, não cabe aqui essa discussão, só cabe o lamentar por isso tudo.

Agora em 2014 se tem, coincidentemente, o termo anarco-punk vinculado por inúmeros veículos de comunicação, devido a ações de grupos em manifestações iniciadas em 2013 com o chavão que os denominou como participantes do “Movimento dos Vinte Centavos” e que findando o ano de 2013 e iniciando o de 2014 reaparecem, principalmente no Rio de Janeiro, com uma ação mais agressiva, mais violenta, e se denominam “Black Blocs”, sob um termo de uso em grupos europeus, mas sobre esse grupo ainda não se pode afirmar algo, pois ainda é muito recente, há hoje muitas incógnitas sobre esse grupo, e infelizmente estão fazendo muitas associações ao movimento anarco-punk, mas isso não é um fato, como eu disse ainda há muito por se analisar de real nesse grupo.

E com isso em Maringá há um reaparecimento mais fervoroso de anarco-punks pelas ruas, e também uma movimentação cultural que se reacende, e dessa forma, uma nova leva de atores para que possamos estar a analisar para que possamos assim ter mais chances concretas de entender esses acontecimentos em Maringá e em sua região.

Continuo minha busca com o uso da oralidade, pois concordo com Antonio Torres Montenegro quanto “A História oral ter como matéria a memória” e que essa precisa muito do estímulo do entrevistador que busca essa memória involuntária, e esse é meu objetivo.

Há de se entender que na História Oral, até mesmo o mais absoluto silêncio tem muito que contar, muito que incitar, muito o que subverter, muito o que levar a dúvida, a questionar, a problematizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available

from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória-A cultura revisitada. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

PRETI, Dino, Org. Análise de textos orais. São Paulo: Humanistas Publicações, 1999.

http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v10_weber_GV.pdf (acessado nos meses de novembro de 2013 a fevereiro de 2014)

<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=246> (acessado nos meses de agosto de 2013 a fevereiro de 2014)